

Esperança Cristã e Utopia Histórica

Utopia como topia da esperança

Pe. Agenor Brighenti*

Há "brasa sob cinzas"¹. É próprio do ser humano, por mais alquebrado que esteja pelo peso do pragmatismo atual do cotidiano que tenta obstruir a fantasia, a liberdade de esperar e sonhar. O mercado total, sem ética, frente a um Estado

INTRODUÇÃO

que, cada dia mais, delega à cidadania fragmentada a necessidade imprescindível de um tribunal que assegure a centralidade do ser humano, por mais que tente, não tem conseguido ser o coveiro da utopia. O imaginário pertence também ao real, à sua parte melhor². Pois, não somos nós que temos sonhos, são os sonhos que nos têm. A intuição sobrepõe-se aos limites postos pela razão instrumental, em que a ciência tentou sequestrar, sem sucesso, a utopia. Também hoje, e como sempre, sob cinzas, mantém-se a esperança, sobretudo na teimosia dos excluídos que, precisamente por isso, contrapõem à aridez da alma a fertilidade do deserto³.

De maneira muito oportuna, o Projeto Rumo ao Novo Milênio, neste ano, ao pôr em evidência a Pessoa do Espírito Santo, associado à Igreja que peregrina na história, na perspectiva dos tempos escatológicos, destaca a virtude teológica da Esperança. Mas, em que consiste a esperança cristã? Que tipo de esperança é digna do ser humano, cristificado pela encarnação e ressurreição do próprio Verbo de Deus? Trata-se de uma realidade a ser alcançada unicamente na meta-história ou têm uma dimensão imanente e intra-histórica? E se a fé é "*certeza daquilo que se espera*" (Hb 11,1), que mediações poderiam fazer a esperança desembocar na história? Seria a utopia? E se for a utopia, que tipo de utopia pode canalizar na vida a esperança cristã?

São estas as questões que, de maneira sucinta e incompleta, as reflexões que seguem procuram abordar.

1. A CRISE DAS UTOPIAS: DISTOPIA OU EUUTOPIA?

Paulo Freire, com muita razão, já havia constatado que, muitas vezes, aquilo que aparentemente é alienação e ausência de consciência crítica na vida do povo esmagado pelo poder, não passa de "manhas", sabiamente desenvolvidas, como espécie de imunização

que resiste no tempo em que dura a provação. E mais, poderíamos dizer que a desesperança evita a alma cair no desespero⁴. Ou, então, que se pode ser otimista, à força do pessimismo.

Perceber esta realidade, é ter a intuição de que passamos, não simplesmente por uma época de mudanças, mas por uma mudança de época⁵.

1.1. O encanto desiludido ou a utopia como distopia

"*Soyons réalistes; exigeons l'impossible*" (sejamos realistas; exijamos o impossível) era o slogan da heróica juventude de "maio de 68", consciente das possibilidades do ser humano. Jamais a história da humanidade, numa única geração, havia visto tantas descobertas, tantas melhorias, realidade ainda mais visível em contraste com a devastação de duas guerras mundiais, que haviam se abatido sobre a Europa. E numa mescla de Marx, Freud e Marcuse, a juventude dos anos 60 estava convicta das reais possibilidades da realização das utopias inatas em todo coração humano moderno: a do progresso, de um futuro crescentemente melhor, da ciência e da técnica em favor da vida, do compromisso ético e da política como o horizonte maior do serviço, do amor sem repressão entre homem e mulher, que nos libertariam de todo desejo reprimido etc.

Entretanto, à medida em que o tempo foi passando e estes ideais foram ficando distantes no horizonte da história, foi-se acreditando que estas utopias⁶ não eram mais que mitos. A dureza dos dias e o cinismo dos Estados foram deixando a impressão de que não se pode confiar no ser humano. Hobbes parecia que tinha razão ao reivindicar um *Estado Leviatã*, como único meio de evitar a anarquia social, pois "*o homem é o lobo do homem*"⁷. Freud teria captado bem nossa miséria humana ao diagnosticar que "*cada gesto de amor camufla um gesto de egoísmo*"⁸. Sartre seria apenas realista ao afirmar que "*o outro é o meu inferno*" e que "*a vida é uma paixão inútil*"⁹.

Das utopias sonhadas e cantadas, passadas algumas décadas, para esta juventude, já de cabelos brancos e curtos, só restou o desencanto ou o encanto desiludido. Já não existem utopias (verdades fora do lugar), mas distopias (mau lugar). Tudo é inatingível.

Se deve desconfiar de uma razão universal, capaz de reconduzir a ética a princípios universais e aceitáveis por todos. Equivocou-se ingenuamente, inclusive o cristianismo, ao pensar com Teilhard de Chardin, que tudo converge: a cosmogênese sustenta a biogênese que sustenta a antropogênese que sustenta a cristogênese que desemboca na teogênese¹⁰. Ao contrário, não existe a história. Ela é uma invenção da história. Existe o presente, e nada mais resta de uma chama ilusória do que as cinzas do pragmatismo do cotidiano¹¹.

1.2. A ilusão do desencanto ou a utopia como eutopia

Mas há os que se recusam a resignar-se a um encanto desiludido ou uma utopia entendida como distopia e dão mostras de que este tempo está apenas marcado por uma ilusão do desencanto¹². Para eles, por trás de tanta desesperança, um olhar atento e um coração sintonizado com o dinamismo da história, constata que o desencanto, antes de tudo, é uma ilusão. O desencanto com as utopias reside mais em suas promessas não cumpridas, do que nos horizontes acenados; nos meios de sua realização histórica, do que nos objetivos propostos; na instrumentalização das ciências como segurança tecnocrática, do que na racionalidade científica; nos mitos alienantes, do que nos grandes ideais etc. A utopia (verdade fora de lugar) não é uma distopia (mau lugar), mas uma eutopia (bom lugar).

Parece justa a crítica ao "mito do futuro", baseado numa falsa concepção da história, mas é injusta sua substituição pelo "mito do presente"¹³; se o futuro é incerto, falsa é igualmente a segurança posta no pragmatismo do cotidiano; sabe-se que, sem a consciência do primado da política e, portanto, da ética política, do bem comum, do interesse público, da democracia, é impossível inverter as atuais tendências de uma sociedade abandonada à lei do mais forte.

2. O ENCANTO DA ESPERANÇA E DA UTOPIA

É quando espera "*contra toda esperança*" (Rm 4,18) que a esperança humana, tocada de morte, se manifesta mais intrépida e vigorosa. Também a esperança cristã. Assim é na vida pessoal e dos povos. Assim é na fé. É ela que faz heróis vencedores de batalhas de "fome e de guerra". Foi ela que alimentou o sonho de uma terra prometida, durante quarenta anos no deserto e fez o povo caminhar, determinado. É ela que fantasia utopias que fazem o céu tocar a terra e a terra viver momentos de céu.

2.1. A esperança humana e cristã

A esperança é uma virtude humana que consiste no desejo de um bem futuro e na tensão voltada para alcançá-lo. E essa virtude torna-se cristã quando o objeto desse anseio é o Reino de Deus¹⁴.

A esperança humana

A atitude de esperança é essencial para a vida do ser humano. Isso se deve ao fato de que a vida humana não é algo que se vive num instante de plenitude, mas num constante e progressivo processo que se perde no passado, avançando constantemente rumo a um futuro misterioso. Basicamente, viver é adentrar no futuro, em que três atitudes são possíveis diante dele: o medo, a simples espera e a esperança. O medo é um sentimento de paralisação diante de um mal iminente que pode brotar do fardo escuro e imenso do futuro, impedindo de seguir adiante com dinamismo e capacidade criadora¹⁵. A simples espera é uma atitude passiva e indiferente, uma atitude de resignação diante dos males da vida,

que aguarda a chegada do novo e o recebe com frieza. Ela está privada de sonho e de entusiasmo. Já a esperança é um desejo que procura adiantar-se ao futuro, criando-o na imaginação, iluminando toda a existência.

Humanamente falando, a esperança é uma força que faz, aquilo que não é ou aquilo que não existe, poder vir a ser. É uma espera, no sonho, de algo que pertence ao futuro e que precisa passar a existir. Ela escapa ao nosso controle, ao mesmo tempo que se apresenta, persuasiva, como capacidade de superar os limites frequentemente medíocres da realidade e de penetrar no mundo do possível, digno do ser humano.

Essa força apoia-se na imaginação, não como um amontoado de insanidades e irrealidades, mas como uma das estruturas de sustentação da própria realidade, sem a qual esta não pode existir, sob pena de negar a especificidade do ato humano - a criatividade¹⁶. Também não se trata de uma imaginação que se alimenta unicamente da vontade subjetiva, restrita à esfera do individual. Ela é apoio de uma esperança capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades, e igualmente capaz de antecipar este futuro, enquanto projeção de um presente, a partir daquilo que existe neste e é passível de ser melhorado¹⁷.

A Esperança cristã

A esperança na perspectiva cristã, como categoria teológica, está determinada no Antigo Testamento e,

concretamente, na etimologia hebraica e não grega. No grego, esperança pode significar toda expectativa do futuro, tanto favorável como funesta. Já no conceito hebraico, a esperança tem um matiz positivo: é esperança do bem, mais ainda, da salvação, e se aproxima de modo especial do conceito de confiança. Tomando as diversas raízes verbais, que não vem ao caso aqui analisá-las, para o povo hebreu, a esperança tem as características de esperar, perseverar e confiar¹⁸.

No Antigo Testamento. Todo o Antigo Testamento constitui uma história da esperança, buscando a transcendência no presente vivido em profundidade e não num simples futuro. Israel sempre esperou o Deus que age na história, transcendendo-a numa salvação universal, que é o Reino de Deus. Já em Abraão faz-se a promessa da bênção futura dos povos (Gn 12, 1-3). Mais tarde, o que fará o povo caminhar, é a esperança

numa terra onde corre leite e mel (Ex 3,7-8). É do futuro que virá o Deus Salvador e é no futuro que os israelitas antevêm sua ação definitiva. Os profetas pregam contra as falsas esperanças dos homens: a força, o dinheiro e o poder (Jr 17,5-8; Is 31,1), dando à utopia um caráter de denúncia

profética. E proclamam que virá o Dia do Senhor, isto é, a ação de Deus na história para restabelecer a sua justiça. Assim, são grandes os motivos de esperança para aqueles que servem ao Senhor (Jr 30-33); Ez 34-48). Mas a esperança profética ultrapassa os limites dos interesses materiais: com a participação de todos os povos começa a se esboçar o Reino de Deus universal (Is 2,1-5; Jr 3,17; Is 45,14). Os bens a serem conquistados já não são apenas a paz, o bem-estar e a felicidade dos povos, mas também o conhecimento de Deus (Is 11,9; Hab 2,14), a transformação interior do coração (Jr 31,31-34; Ez 36,25-28) e o culto pleno e perfeito a Deus (Zc 14; Ez 40ss). Para Israel, Deus é a única esperança capaz de suprir as infinitas aspirações dos povos (Is 60,19-20)¹⁹.

No Novo Testamento. A mensagem de Cristo também se concentra na esperança, tendo como núcleo a pregação do Reino, que já se faz presente por sua ação salvadora (Mt 11,2-5), mas que sobretudo se manifestará plenamente na Parusia (Mc 8,38). Os primeiros cristãos concretizaram esta esperança em sua oração: "Vem Senhor" (Ap 22,20). É essa vinda do Senhor que estabelecerá o seu Reino Universal e pacífico em toda a terra (1Ts 2,19-29; 1Cor 15,22-28). A esperança na vinda do Senhor é segura e inquebrantável, mas a hora e o momento são incertos (2Pd 3,8-10). Por isso, a atitude de esperança deve ser uma atitude vigilante (1Ts

5,1-6; 1Pd 5,8) e ativa (Mt 25,14; 2Ts 3,6-8). De todos os modos, a atitude cristã está impregnada de alegria, pois tem a consciência de estar de posse antecipada da salvação (2Cor 3,18; Rm 8,18-25) e conta com a realidade do Cristo ressuscitado, primícias da salvação universal (Rm 6,3-5; Cl 3,1-4)²⁰.

Assim, o fundamento e o centro da fé cristã é a mensagem da promessa de Jesus e sua ressurreição pelo Pai. Mas ambas, mensagem e ressurreição, não são reais e completas sem o retorno de Jesus, sem a ressurreição de toda carne (cf. 1 Cor 15), sem o novo céu e a nova terra (cf. Ap 21,22). Por isso, crer na ressurreição de Jesus é o mesmo que esperar a consumação universal prometida e significada por esta ressurreição. Na esperança, conforme W. Pannenberg, o crente transpassa os limites da cruz, vencidos pela ressurreição. Fé e esperança são, então, dois momentos indissolúveis de um só ato, cujo centro integrador é o amor. A verdade da fé só pode ser apreendida na esperança, não como se esta tivera que receber seu objetivo da fé, mas no sentido de que a esperança é a força interior da fé. Esta força capacita o ser humano para entregar-se a Deus, cada vez com mais confiança, olhando para o futuro prometido.

Dito isso, dentro do objeto de nosso estudo, é necessário fazer uma distinção entre história e evolução, entre futuro e fim. A evolução é um processo determinado, em que a meta a alcançar precede como causa final de todo o processo. E só se pode falar de história quando entra em jogo a especificidade humana - a liberdade, que faz possível o novo, o que todavia não existiu. Por sua vez, a esperança cristã se dirige em direção ao futuro e não ao fim de uma evolução, pondo-se em relação ao devir histórico. Em outras palavras, Deus dá a salvação e o ser humano é convidado a contribuir com sua realização. Por isso, o ser humano se dirige para o futuro que espera de Deus enquanto se encaminha para seu futuro intramundano. Espera a justiça e a paz de Deus enquanto procura agora sua realização antecipada. De tal modo que a esperança acresce de importância o presente, pois nele se decide o futuro definitivo. A esperança não é um ópio, mas um estímulo para a transformação do mundo, sob o horizonte das promessas de Deus²¹.

2.2. A utopia enquanto esperança historicizada

Esperança e imaginação utópica

A imaginação utópica é a mediação ou o ponto de contato entre o sonho e a vida concreta, sem a qual a esperança é vazia e alienante. Ela é a invenção do que ainda não existe e precisa existir, sem limitar-se ao mágico ou ao fantástico. Num primeiro momento, ela se nutre de fatores subjetivos, produzidos na esfera do individual, mas, a seguir, ela se apoia em fatores objetivos emanados de seu contexto e se deixa guiar pelas

possibilidades reais do momento, que funcionam como elementos mediadores no processo de passagem do que existe para o que deve existir. Em outras palavras, a imaginação utópica, não é uma imaginação inconsequente, uma futurologia ou imaginação do desconhecido; ao contrário, justamente por ser uma imaginação utópica concreta, é projeção do sabido, do consciente²². A futurologia extravasa os limites do desejado e vai de encontro à passividade ou ao conformismo do destino sabido por um "super-homem", enquanto a imaginação utópica é propositiva, projeção da materialização do desejo. A adivinhação impõe algo que é exterior ao ser humano. Já a imaginação utópica aponta os meios pelos quais aquilo que é interior como sonho venha para o exterior, levando este a assemelhar-se àquele²³.

Seria dispensável dizer que, como a imaginação utópica é uma realidade interior ao ser humano, trata-se de uma faculdade que nenhum poder, por mais represor que seja, consegue apagar ou abafar. Ao contrário, é justamente quando ela se sente fustigada, que mais se ativa e revela sua capacidade recriadora. E, ao transformar o sonho em realidade, ao passar da imaginação utópica à ação utópica, entretanto, surpreendentemente, ela não se apaga. Precisamente, por a ação ser igualmente utópica, ela carrega um excedente utópico, que funciona como trampolim de um novo ciclo imaginativo, num convite ao ser humano a superar-se indefinidamente.

A utopia como topia da esperança

Entre utopia e esperança, há uma vinculação histórica profunda. A utopia, enquanto supera as possibilidades de sua realização concreta e definitiva, é a esperança. Por sua vez, a esperança é o dinamismo de criar utopias, maior que as próprias utopias. A esperança nunca termina, pois seu verdadeiro objeto nunca poderá ser possuído. Já a utopia, enquanto traz para o tempo (*chronos*), ainda que de modo limitado, e para o espaço (*tópos*) um horizonte que transcende a história, se torna *topia* e *cronia* da esperança. Quando uma utopia se torna topia, se não fosse a esperança, desapareceria. Mas, esta, inhabita a utopia de um excedente utópico, capaz de, partindo da topia, criar novas utopias, superando-a e projetando-se, indefinidamente, rumo aos ideais infinitos da esperança. É a topia, engravidada pela esperança, que forja novas utopias. Ambas irrompem com intrepidez de contextos de sofrimentos e enquanto a esperança transcende a história humana, a utopia impulsiona os

processos históricos em sua direção. A esperança aponta para o sentido último da existência humana. A utopia é a tentativa de historicização de um horizonte de sentido da esperança, uma vez que o real é sempre menor do que o ideal. A esperança se alicerça numa linguagem escatológica. A utopia, mesmo exercendo a função de mobilizar para a ação, se funda num discurso mais intuitivo que descritivo ou analítico, ainda que muitas utopias históricas tenham caído na tentação da razão em descrever antecipadamente a realidade futura²⁴.

A esperança como ucronia (sem tempo) da utopia

Existem convergências mas também discrepâncias entre utopia e esperança. A esperança, ainda que enraizada em valores da experiência humana, sua motivação última e definitiva é a transcendência, a realidade mesma de Deus. Já a utopia encontra sua motivação última nos valores humanos, na ética, e tem a história como referência última. Para a esperança, entretanto, "não temos aqui cidade permanente" (Hbr 13,14). A utopia busca o plenamente humano. A esperança acena para o plenamente divino. E ainda que, quanto mais humano mais divino e quanto mais divino mais humano, a utopia bebe do humanismo e busca construir a história. Já a esperança bebe da fé e sabe que as verdadeiras construções humanas não passam de mediações da ação de Deus que se plenificam na metahistória.

Como a utopia está diretamente relacionada com um projeto social, corre um risco menor de alienação, uma vez que pode ser mais facilmente criticada pela confrontação de seus resultados. Já a esperança, como anima projetos históricos de maneira mais indireta, corre um risco maior de alienação e impostura, pois aponta para uma realidade não totalmente verificável. Por isso, sua relação com a utopia requer uma hermenêutica de sentido.

A utopia vive para dar vida a uma realidade fora de seu tempo e, uma vez realizada, desaparece, pois o invisível foi tornado visível. Já a esperança espera um invisível não plenamente visibilizável, ainda na plenitude da vida eterna. Na relação do ser humano com Deus, o horizonte último da esperança é um Deus que não pode ser possuído e que sempre estará se comunicando na surpresa de sua liberdade. Ainda quando estivermos em sua glória, Deus será sempre nosso futuro absoluto, jamais absolutamente presente no sentido de poder ser totalmente possuído por nós. Nesta perspectiva, K. Rahner define a esperança como a saída de nós mesmos para integrar-nos àquele de quem, simplesmente podemos dispor. Ver a Deus

"A utopia é a tentativa de historicização de um horizonte de sentido da esperança, uma vez que o real é sempre menor do que o ideal"

face-à-face não será mais do que acolher a liberdade de Deus²⁵.

3. A RELAÇÃO ENTRE ESPERANÇA E UTOPIA: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

Conforme o anteriormente exposto, entre esperança e utopia há, não só a possibilidade, mas uma necessidade de relação. Não qualquer tipo de relação, entretanto, é compatível com a identidade, tanto da utopia como da esperança. Uma correta relação entre ambas pode assegurar a sanidade de ambas e, também, a necessidade de uma para a outra, pois a esperança, sem a utopia, é incapaz de desembocar na vida e, a utopia, sem a esperança, corre o risco de empobrecer e limitar as possibilidades e os ideais humanos.

3.1. Modos incorretos de relação

Uma forma incorreta de relacionar esperança e utopia é a da coexistência paralela, separando-se seus âmbitos de atuação: a esperança se restringiria às realidades espirituais e sobrenaturais e a utopia se ocuparia das realidades terrestres. O espaço da utopia seria a terra, a política, a história, e o da esperança, o céu, a metahistória. Trata-se da postura do secularismo que advoga para as realidades terrestres uma autonomia absoluta, e confina o religioso na esfera do privado ou da intimidade individual.

Outra forma incorreta de relação esperança-utopia é sobrepor a esperança à utopia, no sentido de a esperança controlar, julgar e dirigir as utopias. Neste caso, a utopia é serva da esperança, sem nenhum espaço de autonomia e, praticamente, se confunde com a esperança. Ora, não há utopia mais perigosa do que aquela que se identifica com a esperança. Isso seria uma teocracia, o desrespeito à autonomia do temporal, a submissão das ciências à teologia, de todo poder civil ao poder religioso, caminho franco para o fundamentalismo e o integrismo.

Há, ainda, uma outra forma incorreta de relação esperança-utopia que consiste em encerrar no campo da utopia toda a dimensão da esperança. Neste caso, a transcendência é submetida aos interesses políticos, atribuindo-lhes um valor divino e isentando-os de toda crítica ou suspeita. O poder civil se arroga o papel de instância religiosa e transcendente. Há, aqui, uma manipulação do Transcendente²⁶.

3.2. O modo de relação mais viável

Uma correta relação entre esperança e utopia seria a de uma relação assimétrica, ou seja, a de uma relação dialética, no sentido de não estabelecer uma prioridade temporal entre ambas. Numa relação assimétrica, esperança e utopia se inter-atuam, pois ambas se situam em relação ao Absoluto, ainda que desde níveis

diferentes. Evocando o "modelo de Calcedônia", poder-se-ia falar de uma relação sem separação e sem confusão. A esperança se relaciona com a utopia e esta com a esperança, sem perderem sua especificidade e originalidade. Neste sentido, a transcendência não se confunde mas também não se separa da imanência, assim como esta contém e precisa daquela. A esperança, enquanto vivenciada na experiência humana, traz presente a utopia e, esta, enquanto aberta ao Absoluto, traz presente a esperança. Em outras palavras, a esperança necessita da utopia para encarnar-se na história e a utopia necessita da esperança para não desaparecer com a concretização de seus projetos, sempre parciais em relação às possibilidades e aos ideais do ser humano. Ou, então, na "corporeidade" da utopia se faz presente a "alma" da esperança e, por sua vez, a "alma" da esperança só se torna visível no "corpo" da utopia²⁷.

CONCLUSÃO

Como se pode constatar, a utopia precisa da esperança e a esperança precisa da utopia.

Sem a esperança, a utopia pode fechar-se ao transcendente, absolutizar-se e perverter-se. É o lado patológico ou o lado-monstro da utopia (distopia), com sua pretensão de apoderar-se do Absoluto. Tudo se resume ao intra-histórico e desemboca, no dizer de H. de Lubac, no "drama do humanismo ateu". Neste sentido, a esperança cristã é uma instância crítica necessária das utopias, desmascarando-as em seu processo de degradação humana.

Por outro lado, a utopia oferece à esperança mediações históricas concretas, dando-lhe dimensão social e abrindo campo para a sua encarnação no tempo. A utopia é como que a antecipação da esperança na realidade histórica. Ela corrige o perigo de alienação da esperança e se apresenta como a instância ou lugar de verificação e de crítica da mesma, medindo sua força e seu alcance histórico. Em outras palavras, a utopia impede a esperança de tornar-se uma ideologia, utilizando-se do sagrado para desviar a atenção das realidades terrestres.

Por isso, nosso tempo, mais do que viver uma crise de utopias, passa por uma crise das utopias históricas. Não é o futuro que tende a parecer uma ilusão, mas as utopias históricas que se transformaram em distopias. Não é a utopia que está morrendo, nem a imaginação utópica, pois esta não se limita à manifestação da utopia. O que está ocorrendo é uma deslocamento do eixo central colocado pelas utopias históricas atuais, uma alteração de perspectiva, uma inversão de posições quanto ao que deveria ser o objetivo final da utopia. Nossos tempos apontam, sim, uma passagem da utopia, tal como foi concebida e historicizada, para a eutopia, impulsionada pela esperança, que faz da Igre-

ja, neste final de milênio, quem sabe, o último reduto da utopia²⁸.

* O autor é doutor em Ciências Teológicas e Religiosas e professor de teologia no ITESC e na Universidade Pontifícia do México.

NOTAS

¹ É o sugestivo título de um dos recentes livros de L. BOFF, *Brasa sob cinzas, Estórias do anti-cotidiano*, Editora Record, Rio-São Paulo, 1996, 125 p.

² *ibid.*, p. 7.

³ Esta é outra sugestiva leitura para estes tempos de "desencanto com as utopias" - DOM HÉLDER CÂMARA, *O deserto é fértil*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1974.

⁴ J.-M. CABODEVILLA, *La jirafa tiene ideas muy elevadas*, Madrid 1989, p. 118.

⁵ Cf. P. RICHARD, *Esperanza o caos? Fundamentos y alternativas para el siglo XXI*, in *Senderos* 49-50 (1995) 7-20, aqui p. 7.

⁶ O termo "utopia" só apareceu no século XVI, quando um inglês, hoje canonizado, Thomas Morus, publicou em latim, em 1516, um livro onde relata a vida melhor levada pelos habitantes de uma ilha situada "em algum lugar", a ilha de Utopia, de outopos, o não lugar, lugar nenhum.

⁷ Cf. Liszt VIEIRA, *Cidadania e Globalização*, Record, Rio-São Paulo 1997, p. 17.

⁸ Cf. A. BENTUÉ, *La Opción Creyente*, Sígueme, Salamanca 1986, p. 37-40.

⁹ *ibid.*, p. 42-44.

¹⁰ Cf. L. BOFF, *Brasa sob cinzas, Estórias do anti-cotidiano*, op. cit., p. 35.

¹¹ Cf. Robert MENASSE, El mayor error histórico ha sido la "Historia", in *Humboldt* 117 (1996) p. 17. Ver, também, J. D. JIMÉNEZ SÁNCHEZ M., Posmodernidad: el encanto desilusionado o la ilusión del desencanto, in *Religión y Cultura* 38 (1992) 367-388.

¹² Cf. J. H. VERVIER, Utopia cristã e racionalidade econômica, in *REB* 211 (1993) 544-567, aqui p. 546-549.

¹³ Cfr. W. SOMBART, *El burgués. Contribución a la historia espiritual del hombre moderno*, Alianza, 3ª ed. Madrid 1979.

¹⁴ Cf. J. L. IDÍGORAS, "Esperança", in *Vocabulário Teológico para América Latina*, Ed. Paulinas 1983, p. 136-141. Ver, também, E. FROMM, *A revolução da esperança, Por uma tecnologia humanizada*, Zahar Editores, Rio de Janeiro 1969, p. 24-41.

¹⁵ Cf. Stany SIMON, Les mots et les maux de la peur, in *Lumen Vitae* 2 (1994) 125-132.

¹⁶ Cf. Teixeira COELHO, *O que é Utopia*, Brasiliense, São Paulo 1981, 2ª Ed., p. 7-8.

¹⁷ *ibid.*, p. 8.

¹⁸ Cf. P. HOFFMANN, "Esperança", in *Dicionário de Teologia*, Loyola 1970, p. 82-87.

¹⁹ Cf. J. L. IDÍGORAS, "Esperança", op. cit., p. 137.

²⁰ *ibid.*, p. 137-138.

²¹ Cf. F. KERSTIENS, "Esperança", in *Sacramentum Mundi, Enciclopedia Teológica*, Herder, Barcelona 1972, p. 791-803. Ver, também, RUBEM ALVES, "Dialética da Liberdade", in Id., *Da esperança*, Papirus Editora, Campinas 19, s.d., p. 153-185.

²² Cf. Teixeira COELHO, *O que é Utopia*, op. cit., p. 10.

²³ Cf. M. ELLADE, "Paraíso e utopia: geografia mítica e escatológica", in Id., *Origens*, Perspectivas do Homem/Edições 70, Lisboa 1989, p. 111-136.

²⁴ Cf. J.-B. LIBÂNIO, Utopia y esperanza cristiana, *Selecciones de Teologia* 119 (1991) 176-184, aqui p. 176-178. Ver, também, J. J. TAMAYO, *Presente y Futuro de la Teología de la Liberación*, San Pablo, Madrid 1994, p. 145-149.

²⁵ Cf. J.-B. LIBÂNIO, Utopia y esperanza cristiana, op. cit., p. 178-180.

²⁶ *ibid.*, p. 180-182.

²⁷ *ibid.*, p. 182-184.

²⁸ Cf. P. LEBEAU, Pour une Église en acte d'esperance, in *Lumen Vitae* 2 (1993) 149-159.

Endereço do Autor:

Caixa Postal 5041 - ITESC
88.040-970 Florianópolis, SC

Maria de Pentecostes

Maria do Pentecostes, Maria da Intercessão,
Maria que atrai o Espírito, Maria da Oração.
Maria com as mulheres, reunida com os irmãos,
À espera do Prometido, o Espírito dos Sete Dons!

Tal como lá no Cenáculo,

Maria, roga por nós!

Atrai-nos os dons do Espírito

e leva ao Pai nossa voz!

Sem mancha, Imaculada, o Espírito a fecundou
e Mãe se tornou a Virgem que o Filho de Deus gerou!
No encontro com sua prima, de Deus cantou o louvor,
do Deus que exalta os humildes, eleitos do Seu Amor.

Maria, que conservava no fundo do coração

as coisas que aconteciam, a espada de Simeão...

Atenta à falta do vinho, nas bodas, lá em Caná,

Fazei o que Ele vos diga! - é a instrução que nos dá.

E quando chegou a Hora, a Hora da sua Cruz,
Maria lá se encontrava, de pé, bem junto a Jesus.
Dos lábios seus Ela escuta: *Mulher, eis aí teu filho!*
E nossa Mãe ela torna-se, Mãe nossa, irmãos do Seu Filho.
Com Pedro, os Onze, que viram Jesus em sua Ascensão,
voltaram para a cidade, à Casa da Oração.
Unânicos, todos eles, oraram por nove dias,
Maria no meio deles, e então a Igreja nascia.
Naquela manhã bendita, um vento forte soprou
e, em línguas de fogo, ardentes, o Santo Espírito entrou!
As portas se abriram todas e começou a Missão:
Maria junto aos discípulos, é a Intercessora em ação.

Pe. Ney Brasil Pereira

(texto para um canto apresentado

no 10º Curso de Canto Pastoral de Florianópolis,

17 a 19-4-1998)